

Inertes

Um anoso sentado;
outro ao lado.
Choravam as suas vidas.
Um,
do seu primórdio trabalho;
outro,
da sua outra metade.

Evitavam a despedida.
Graciosa vontade de viver.
Outra vida? Não.
A sua!

Arquitectavam a maldade:
em tudo.
Mergulhavam,
no seu mundo.

Gente perdida,
de um lado ao outro,
— viam —
sem rumo, sem vida ou destino.
Amores perdido,
vidas destruídas.
Ali estavam eles,
lastimando:
inertes.

Cláudia Martins,
Toque frágil,
Braga, Cão que lê, 2010